

FERNANDES, Florestan — *O Desafio Educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

Eliane Veras Soares  
Departamento de Sociologia, UnB

*“Destruir não é o fim, é um meio. O essencial está no que se pretende construir”*

A temática do livro “Desafio Educacional” de Florestan Fernandes refere-se à análise do processo educacional brasileiro, procurando demonstrar a necessidade da destruição tanto do modelo educacional “humanista” em sua versão colonial-escravocrata como da recente visão tecnicista do sistema educacional “modernizador”, que ao ser implantado introduziu novos impasses para a superação do estado de heteronomia cultural da sociedade brasileira.

Nesta análise o autor revela o seu “ideal” da educação fundamentado nos princípios de uma sociedade verdadeiramente democrática. Surgem daí os elementos que sustentariam a construção de um novo modo de ser da sociedade que inclui o “oprimido” como “sujeito principal do processo educativo, o sujeito negado, esquecido e excluído, impõe-se, agora, por sua própria força coletiva de classe, como o alfa e o ômega da educação”.

O que poderia ser tomado como visão idealista de transformação social cai por terra na leitura suave e ao mesmo tempo exigente dos pequenos artigos escritos para jornais, entrevistas e discursos parlamentares compilados por Florestan para dar forma ao “desafio” em questão.

Como sociólogo e como político, o professor transmite sua compreensão do processo educacional brasileiro relacionando a estrutura social às condições decorrentes da luta de classes e ao processo político, articulando a análise do passado (remoto e recente) às necessidades do presente e do futuro.

A linguagem é morna e relaxante sem por isso deixar de provocar comichões de revolta e coceiras por manter acesa a chama da luta pela autonomia ainda não conquistada.

Se não se trata de um livro escrito por “especialista”, como frisa o autor, é, sem dúvida, um livro para ser lido por especialistas e não especialistas,

por aqueles que aspiram à compreensão da cultura brasileira numa dimensão básica: a da produção e reprodução do saber.

O livro — como a vida e obra do autor — demonstra a cada linha uma idéia instigante, ainda que não seja nova, de que “a universidade dispõe de um espaço um pouco mais flexível, um pouco mais amplo, que o conquistado pela sociedade global. Isso porque ela é uma instituição-chave das classes dominantes” donde conclui o autor “haver um espaço de mudança ali que pode ser dimensionado por dentro através da instituição, e acionado”.

Resta-nos conferir a leitura e ponderar sobre a solução (ou não) do dilema explicitado. Está ao alcance das nossas mãos um grito de alerta, vale a pena interpretá-lo.

CAPRA, Fritjof — **Sabedoria Incomum: Conversas com Pessoas Notáveis**. São Paulo: Cultrix, 1990, 279 pags.

Andrés Ibarra  
Departamento de Sociologia, UnB

Após **O Tao da Física** (1975) e **O Ponto de Mutação** (1982), dois grandes sucessos editoriais das duas últimas décadas, chega ao Brasil a tradução do último livro de Fritjof Capra. A primeira coisa que chama a atenção nesse livro é que, afora o capítulo 7, “Os diálogos de Big Sur”, reprodução de um encontro (promovido pelo autor) entre algumas “pessoas notáveis” que aparecem ao longo do livro, as “conversas” com essas pessoas não aparecem na forma de entrevistas gravadas, mas numa outra em que as impressões e memórias do autor a respeito destas, entrecortadas aqui e ali por citações delas extraídas, assumem o papel principal, dando à narrativa uma fluidez que ajuda bastante a leitura, inclusive tornado-a divertida. O livro pode assim ser visto como um resumo extremamente pessoal de várias conversas que o autor teve ao longo das duas últimas décadas com cientistas, médicos, terapeutas, políticos — alguns deles de grande destaque, outros não — relatando como ele os conheceu e abordou.

O livro apresenta três dimensões que cabe explicar. A primeira delas diz respeito à trajetória de vida do autor, a qual se revela ao longo do livro: de um ilustre desconhecido recém-formado em física e adepto da contracultura nos anos 60 à celebridade mundial cujos livros são lidos tanto no Ocidente quanto no Oriente. É uma **démarche** plena de descobertas, acasos, coincidências e encontros que não deixam de apresentar um certo ritmo de aventura que muitos podem achar fascinante. Capra possui um grande dom descritivo, seja de pessoas, seja de lugares; assim, não deixam de ser instigantes as suas descrições tanto das pessoas com as quais ele “conversou”, quan-